

O Desenvolvimento do Apego. T. Berry Brazelton. Tradução de Dayse Batista. Artes Médicas: Porto Alegre, 1988, 208p.

O livro de Brazelton se baseia em históricos de casos e foi escrito num estilo bastante informal e competente. Trata-se de um resumo de mais de 30 anos de pesquisas e prática pediátrica. Seus relatos são vívidos e cheios de detalhes. Com efeito, o relato, do parto da Sra. Johnson, cujo bebê desejava acompanhar desde os primeiros dias de nascimento, é tão rico e metucioso que o leitor é capaz de sentir-se tenso e preocupado com a sorte da gestante. Felizmente dá tudo certo!

O autor acredita que o bebê não é uma criatura tão frágil quanto pensamos. Neste sentido, ele mostra que se uma luz forte é posicionada sobre os olhos de um recém-nascido, este imediatamente retrai a cabeça, parecendo evitar a luz. A luz forte desencadeia um aumento do ritmo cardíaco e respiratório. Após algum tempo, os espasmos cessam e os batimentos cardíacos e a respiração retornam ao seu nível normal e, então, o bebê entra num período de irresponsividade. Os olhos permanecem fechados, pernas e braços flexionados para cima, dando a impressão de que se encontra num "sono de desligamento". Se o estímulo luminoso permanece, o bebê relaxa e parece entrar num sono real. Segundo Brazelton, esta estratê-

gia - denominada de habituação - demonstra que bebês podem ter algum controle comportamental, quando se encontram em locais de forte iluminação (salas de parto, berçários).

Alguns dados bastante interessantes, acerca das habilidades do feto e de recém-nascidos, podem ser vistos no livro. Com efeito, nota-se que, quando as mães se deitam à noite, o feto torna-se mais ativo e quando estão acordadas, o feto permanece calmo. Se acendermos uma luz forte próximo ao abdômen da mãe, o feto fará um movimento súbito que facilmente será percebido pela mãe. Também pode ser visto que se uma mulher e um homem falarem baixinho, ao mesmo tempo, mas em lados opostos em relação à cabeça do bebê, este voltará para o lado da voz feminina, como um "resultado da moldagem que recebe dentro do útero" (p.35). O valor prático de tais descobertas é enorme.

As histórias de Brazelton não são interessantes e de difícil aceitação para um leigo. "Uma mãe pianista deu-me outro exemplo de experiência intra-uterina. Ela disse que estava aprendendo um concerto, nos últimos meses de sua gravidez, tendo que praticar uma passagem repetidas vezes... Quando o filho tinha três meses de idade, ela colocou-o em um chiqueirinho próximo ao seu piano e começou a tocar. Ele emitia ruídos de satisfação e chutava, olhando-a, alegre, enquanto a mãe tocava. Quando ela chegou à passagem na qual havia trabalhado tão arduamente meses antes, ele parou de chutar, tornou-se absolutamente imóvel e olhou, com os olhos arregalados, em direção ao piano, como que dizendo: 'Ei, conheço este pedaço!'" (p.35).

Em alguns casos fica evidente que existe uma sincronia entre o comportamento da mãe e do bebê. Um bom especialista pode utilizar esta habilidade para estabelecer um diagnóstico do estado da criança ou da interação mãe-filho. Ao examinar uma criança de 2 anos de idade, o autor notou que esta emitia uma espécie de grunhido ao se abaixar para pegar um brinquedo. A criança não mancava e nem parecia sentir dores quando o seu abdômen, quadril e vértebras eram apalpadados. Após este exame, Brazelton perguntou à mãe se estava grávida e esta prontamente negou com ênfase. Dias depois, a mesma mulher lhe telefonou e disse: "Como é

que soube que eu estava grávida, pelo amor de Deus? Eu tinha certeza que não estava!' Eu respondi-lhe que andara procurando uma razão para os grunhidos de Leslie, enquanto ela abaixava-se até que reparei que ela também o fazia. Esta era uma resposta totalmente inconsciente à sua gravidez nova e insuspeita. Leslie havia pego a sua maneira de agir e se identificado com as mudanças nela, mesmo antes que ela própria as reconhecesse" (p.46).

Fica bastante claro que o período de amamentação é extremamente delicado e crucial para o desenvolvimento da criança. Caso os pais tenham pouco tempo para se dedicar à criança, o vínculo familiar por ser prejudicado, trazendo graves conseqüências para o bem estar dela. Com efeito, Brazelton acredita que se deva lutar para que se institucionalize uma licença-gestante de, no mínimo, 6 meses para a mãe e de 3 a 4 meses para o pai, para dar oportunidade ao surgimento de um relacionamento forte e saudável entre pais e filhos. A gravidez representa um grande esforço físico e a readaptação psicológica e dos mecanismos corporais exigem muito da mãe, durante alguns meses. Seria muito bom se os nossos políticos lessem os conselhos do mestre e entendessem um pouco de evolução.

Brazelton esclarece acerca dos contratempos dos partos caseiros, lembrando que os riscos de infecção são maiores e que as possibilidades de corrigir algum problema se tornam menores, em razão da falta de condições cirúrgicas adequadas. Desta forma, o autor prega que as maternidades e berçários sejam "humanizados", de forma a proporcionar o máximo de conforto, segurança e bem-estar para as mães e seus bebês.

O autor é algo contraditório logo no início de sua obra. Parece valorizar o ambientalismo e, logo em seguida, se revela um autêntico nativista. Com efeito, ele acredita que "o apego, com relação a um novo bebê, não acontece da noite para o dia. Muitos pais acham tentador crer que ter um bebê e ligar-se a ele é algo instintivo e que todo mundo está 'pronto' para assumir o papel de pai ou de mãe, quando o bebê chega" (p.11). O treino e a experiência passada são valorizados para explicar o surgimento do apego ao bebê. Por outro lado, o autor faz crer que o bebê é equi-

pado com mecanismos (bochechas proeminentes, faces arredondadas e proporção da cabeça em relação ao restante do corpo) que o torna capaz de capturar a atenção dos adultos ao seu redor. Dentro da etologia, tais características são classificadas como estímulos-sinais, que disparam o "instinto materno", e foram apontadas por Konrad Lorenz. O espírito nativista do autor pode ser visto no momento em que afirma que "a barriguinha redonda e macia produz outro tipo de resposta protetora. É este comportamento relativamente flutuante, não-dirigido, produz um sentimento 'instintivo' nas pessoas, de querer aconchegar, moldar ou ensinar o bebê... Em outras palavras, os adultos humanos podem muito bem estar equipados com respostas inatas que são desencadeadas por certas características dos membros imaturos de nossa espécie" (p.115). Seria interessante se o autor tivesse abordado com maior precisão a questão da origem do apego.

A despeito de algumas falhas no tratamento com conceitos e da péssima qualidade das fotografias da edição brasileira, a obra de Brazelton será muito útil a todos aqueles que se interessam por desenvolvimento infantil. O autor nos dá uma lição de vida, quando demonstra que bebês devem ser tratados como pessoas. O simples contato físico com o bebê pode provocar transformações espantosas, desde que seja feito de forma afetuosa.

Rogério F. Guerra
Depto. de Psicologia - UFSC